

Trabalho -> Práxis -> Poiesis: Trabalhando na Complexidade

Work -> Praxise -> poiesis: Working in/on Complexity

Matheus Henrique da Mota Ferreira

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGF/UFRJ), Mestre em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia (HCTE/UFRJ), Licenciado em Biologia (IB-FE/UFRJ). Universidade Federal do Rio de Janeiro.

matheushmf01@gmail.com

orcid.org/0000-0002-2580-3518

José Carlos de Oliveira

Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia (HCTE), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

jcarlos@dee.ufrj.br

orcid.org/0000-0002-0415-4926

Resumo. Buscamos nessa produção propor algumas aproximações iniciais entre as ideias de Edgar Morin e alguns pensadores da tradição marxiana da qual ele se nutre, em particular a obra de Lukács em suas considerações sobre a importância do Trabalho na constituição do ser social. Avaliamos em um primeiro momento a possibilidade de incluir Morin na tradição marxiana a partir da crítica da crítica, ou seja, criticando aquelas que são apontadas como falhas essenciais em seu trabalho. Em seguida comparamos e coadunamos as diferentes definições de trabalho de Morin, Lukács e Karel Kosik a partir dos escritos de Eleutério Prado, para concluir com considerações sobre o Trabalho em tempos contemporâneos.

Palavras-Chave: Complexidade. Trabalho. Práxis. Edgar Morin. György Lukács.

Abstract. *We attempt here to propose an initial approach between the ideas of Edgar Morin and some thinkers in the Marxian tradition which has influenced him, in particular the works of Lukács on the importance of Work for the constitution of the social being. We first evaluate the possibility of including Morin in the Marxian tradition through the critique of critique, i.e., by critiquing those that are pointed as essential failures in his works. We then compare and conform some different definitions of work in Morin, Lukács and Karel Kosik throuh the writings of Eleutério Prado, and finally conclude with some consideration on work in contemporary times.*

Keywords: *Complexity. Work. Praxis. Edgar Morin. György Lukács.*

Segundo Morin, a complexidade não é uma palavra-chave para tudo solucionar, mas uma palavra-problema para trazer reflexões, dúvidas e a revitalização do pensamento. Apesar de críticas à abordagem moriniana, inclusive do interior da própria tradição marxiana (CRUZ et al, 2013; GOMES; JIMENEZ, 2009; VIEIRA, 2013), não lhe falta a historicidade que é apresentada como ponto essencial nessa mesma tradição. Afirma-se que seria Morin um determinista que importa categorias da biologia e da física para criar um “natural” quase transcendental, uma esfera da realidade humana fixa e imutável: nada poderia estar mais longe da verdade. Inspirado, entre outros, pelo trabalho de Ilya Prigogine, Morin procura historicizar a própria natureza, acabando com a divisão entre o natural imutável e o histórico transformável. Toda a realidade é processual, um processo que se desenvolve ao longo do tempo, tomando inúmeras formas nas diferentes manifestações concretas do devir histórico desde os tempos pré-históricos ou mesmo pré-humanos. Na concepção da história como processo, Morin está acompanhado de Lukács e do próprio Marx. Talvez pudéssemos mesmo arriscar dizer que a processualidade seria um modo mais abstrato de historicidade, incluindo todas as mudanças ou movimentos do ser, desde as formas inorgânicas às biológicas e até as sociais. A processualidade cósmica e a historicidade humana compõem um único processo, objeto de uma única ciência da história nas palavras de Marx, ou uma unidade complexa, um todo dialógico que se organiza-desorganiza-reorganiza nos movimentos dos diversos elementos que o compõem, em termos mais morinianos.

Ensaia-se também uma crítica ao autor do Pensamento Complexo que tenta indicar que este não parte da atividade social concreta do humano na história para o desenvolvimento de suas ideias. Assim, Morin seria devedor de uma proposta idealista que postula conceitos sem conexão com o substrato material das relações de produção humanas, ou seja, sem conexão com a práxis historicamente organizada a partir da qual a sociabilidade humana em cada período se determina. Tal crítica me parece equivocada na medida em que a complexidade não surge de um salto no escuro de um pensamento contemplativo, mas sim da avaliação da necessidade de um novo método a partir da observação, digamos ontológica, do estágio do processo objetivo de desenvolvimento da sociedade. A mediação social das relações entre humanos e natureza é respeitada, portanto, em Morin, conforme sua proposta não é inventar um método *ex nihilo*, mas propor, em consequência da observação das mudanças do modo de organização social e dos modos de produção no capitalismo tardio, um novo método de pesquisa e de pensamento em conformidade com as novas exigências contemporâneas.

Nesse contexto, podemos afirmar que o pensamento complexo surge, ao menos, como resultado de quatro movimentos histórico-materiais que destaco a seguir:

(1) como resposta às mudanças sociais que criaram novas formas de trabalho mediadas pelo aprofundamento das exigências cognitivas e da aplicação técnico-científica, além

das questões ligadas ao gerenciamento e à organização, o que coloca a necessidade de incorporar uma teoria da organização e uma teoria da cognição ao método tradicional marxiano focado nas relações de produção econômicas, já que, cada vez mais, a produção depende de “competências cognitivas” e de “metas organizacionais”, uma mudança já apontada em parte por Bogdanov (1996) na Rússia nos anos da década de 1910, e hoje já bastante contextualizada nos centros capitalistas do norte global. As transformações culturais, com o surgimento dos meios de comunicação de massa e suas possibilidades de manipulação simbólica, e com a intensificação da participação técnico-científica no cotidiano passaram a exigir um novo olhar para as teorias atuais da mente e do conhecimento, conforme os capitais cultural e cognitivo passaram a ter grande impacto na organização social, produzindo novas configurações do relacionamento dialético-dialógico entre infraestrutura e superestrutura, e demandando um enfoque renovado para a componente subjetiva do circuito prático (como se dá a ontogênese da cognição humana e como a realidade contemporânea impacta a produção prática de subjetividades). Assim, poder-se-ia dizer que uma nova ontologia do ser social aparece como novo momento de organização e complexificação dos complexos de complexos que o constituem; tal momento direciona os modos de produção de conhecimento para a atinência à organização física e biológica como sendo elas mesmas já momentos anteriores de menor explicitação dos mesmos processos organizacionais complexos que se manifestam no ser social. Para lidar com tal complexificação ontológico-epistemológica resta uma complexificação similar da dimensão metodológica, ou seja, do circuito prático-poético, ativo-produtivo, de intervenção e investigação da realidade, ao qual corresponde por fim uma complexificação aqui apresentada dos modos de trabalho, fechando o circuito que começa com seu desenvolvimento espontâneo e termina com a compreensão racional-normativa da necessidade de desenvolver ainda mais as formas de trabalho: um trabalho transformado que implica ciência-cognição-organização-cultura-comunicação como dimensões interconstitutivas essenciais.

(2) como modo de contornar as formas de alienação contemporâneas, as quais passam frequentemente pelo controle midiático-informacional e pela concentração do capital tecno-cognitivo em grandes conglomerados industriais-financeiros-estatais que estabelecem uma moderna tecnocracia. Apenas especialistas podem opinar sobre os dilemas socio-técnicos, mas estes agentes estão enredados nas tramas de relações entre o complexo industrial (farmacêutico, agropecuarista, computacional-informacional), o aparelho de órgãos políticos especializados, a academia onde os especialistas fazem carreira e produzem conhecimento, tudo sempre mediado pelas relações mercadológicas onde o capital financeiro (guiado pelos especialistas-economistas) tem hoje enorme peso. Essas relações são bem cobertas no caso da indústria farmacêutica por Angell (2007) e no agronegócio global por Lappé (1991) ou Roberts (2008). É desse modo que o Pensamento Complexo, demandando a democratização cognitiva - e, portanto, o acesso ao conhecimento - a reforma educacional e a mudança de paradigma epistêmico, se coloca como parte do movimento da realidade objetiva no sentido do

desenvolvimento da consciência revolucionária, ou seja, daquela necessária para a emancipação do sujeito coletivo histórico e para o desenvolvimento das forças produtivas-organizativas-cognitivas-afetivas humanas no sentido da transformação da realidade dada rumo à realização do potencial antropossocial histórico livre das formas de alienação, dominação e controle do atual sistema organizacional-social capitalista.

(3) como resposta à crise ecológica e como possibilidade de intervir nesta pela proposição de uma nova relação humano-natureza, tanto pela ecologia generalizada (MORIN, 2015), quanto pela ecologia das ideias e das ações. Estes conceitos ecológicos em Morin também se comunicam com sua ética da complexidade, nas dimensões individual, social, relativa à espécie humana, e planetária. O próprio planeta surge como algo co-constitutivo da humanidade ao longo de seu método de produção de anamorfoses na realidade cosmo-bio-antropossocial, começando por analogias e metáforas que parecem poeticamente revelar homologias profundas, fazendo comunicar o ser antropossociológico humano com o ser biológico animal com o ser ecológico planetário por um vínculo interno profundo, ou mesmo por uma rede de complexas interações e conexões dinâmicas. Distancia-se de propostas antropocêntricas e desenvolvimentistas, inclusive aquelas implementadas pelo socialismo real; assim como de um ecocentrismo de viés neo-malthusiano que culpa a humanidade em geral pela crise ambiental, especialmente as camadas populares com maior taxa de natalidade, aquelas que possuem no atual sistema o menor poder de mudança da realidade e, portanto, a menor responsabilidade pelos dilemas ecológicos presentes; e também de um “maquinocentrismo”, um tecno-ufanismo que vê no desenvolvimento tecnológico a solução para quaisquer problemas, ignorando as questões de organização política e mesmo os limites da potência humana diante da crise. As três são tendências historicamente postas que ora se imbricam, ora entram em conflito, mas que não são capazes de efetuar transformações profundas no tecido social, sendo, portanto, necessário divisar modos de intervenção social no interior dessas dinâmicas de forças para reformatar a organização sócio-metabólica em um novo patamar de interdependência e co-evolução humano-tecno-natural.

(4) como resultado do desenvolvimento das forças produtivas humanas, o qual ocasionou a especialização e fragmentação do conhecimento humano no paradigma denominado clássico por Morin (de disjunção, redução e simplificação), porém que, nesse processo, gerou a necessidade objetiva de produção de novos métodos de pesquisa ou de produção, metodologias complexas tanto pela complexidade de conhecimentos acumulados sobre qualquer tema, quanto pela complexidade da própria realidade objetiva que se apresenta como um emaranhado de interações caóticas e não-lineares, cujas possibilidades de manipulação de forma determinada e previsível se mostram esgotadas. É, portanto, o próprio movimento histórico da humanidade em suas conexões globais e com seus grandes fluxos - de produtos, capitais, conhecimentos - que gera a necessidade de reformular a práxis rumo ao diálogo transdisciplinar e transcultural, à ciência com consciência e à integração das dimensões prática-teórica-reflexiva, ou seja,

ao fortalecimento do questionamento genealógico, ideológico, epistemológico, psicológico e, também, mitológico sobre os processos científicos atuais, o trabalho dos pesquisadores no capitalismo tardio.

Após situar a produção moriniana e sua explicitação do momento da complexidade do ser no interior do processo histórico que gestou as condições de seu surgimento, destaco a que me parece ser sua contribuição mais inovadora à discussão que previamente se estabelecia sobre o trabalho, a práxis e a humanização.

Prado, autor que busca discutir a complexidade a partir da tradição marxiana, afirma que “homem [sic] é o ser que se constitui na práxis” (PRADO, 2010), uma assertiva com a qual Morin concordaria sem pestanejar, com um pequeno acréscimo: o ser humano tem suas especificações práxicas, porém todos os seres se definem pela práxis, ou, mais genericamente, pelo circuito práxico, um conceito aberto e complexo que compreende práxis-trabalho-produção-transformação (MORIN, 2013, p.202).

As noções de práxis, trabalho, transformações, produção não são apenas interdependentes na organização que as comporta: elas se transformam também umas nas outras e se entreproduzem umas nas outras, já que a práxis produz transformações, que produzem seres físicos, movimento. Esta rotação entre os termos de produção e de transformação é bem expressa no *dução* de produção e no *trans* de transformação... A *dução* (circulação e movimento) torna-se transformação e o *trans* conserva e continua a ideia de circulação e movimento. E assim, encontramos o caráter primeiro da ação: o movimento. Uma organização ativa comporta na sua própria lógica a transformação e a produção. (ibid., p.202)

Em Lukács, o ser social, aquele que constitui a humanidade como momento mais desenvolvido da história do ser, se diferencia pelo trabalho (PRADO, 2010), ou seja, pela posição teleológica, pela negação da causalidade natural a partir de um plano previamente ideado - uma capacidade que competiria unicamente aos seres humanos. Prado reconhece que o “trabalho é entendido por Lukács como característica genérica do ser social e assim, por consequência, como critério de demarcação objetivo que separa o modo de reprodução da existência social do modo de reprodução dos seres que pertencem à esfera da natureza” . Portanto, este trabalho representaria um rompimento bem marcado na escala dos modos de ser do mundo. O ato de “pôr algo novo a partir do já existente é, então, para ele [Lukács], o fundamento ontológico da práxis social e humana” (ibid., np).

Aqui aparece mais uma vez a diferenciação essencial entre as considerações lukacsianas e morinianas: enquanto está tudo circunscrito ao ser social em Lukács, o trabalho enquanto capacidade de produção de novidades é, em Morin, um caráter genérico dos seres, desenvolvendo-se conjuntamente com o aumento de sua complexidade organizacional. Há uma dimensão poética no trabalho e esta já se apresenta, em geral, nas organizações ativas, as organiz-ações que produzem seu próprio ser pela implicação

causal circular - aquilo que produz a organização é também seu produto, garantindo sua re-produção.

As categorias em Lukács se desvelam como determinações existenciais que só podem ser apreendidas pelo desenvolvimento histórico do concreto. Assim, a observação do ser social concreto no momento contemporâneo seria aquilo que capacitaria a compreensão do ser em seus três momentos constitutivos - inorgânico, orgânico, social. Apenas nesse último momento seria possível perceber que a história é uma marca ontológica de todo ser, que os processos de devir são permanentes na natureza, impedindo qualquer separação bruta entre o natural e o cultural-social-artificial. Se o próprio trabalho revela ao ser social a complexidade da realidade do ser e a historicidade (e, portanto, transitoriedade) das categorias utilizadas para a compreensão do ser, é lógico pensar que o movimento dialético da própria realidade precisa ser acompanhado por um movimento dialético do conhecimento, ou seja, uma atualização dos métodos de investigação, justificação e exposição que validam os conhecimentos da realidade. É desse modo que as propostas morinianas me aparecem como um desenvolvimento lógico dialético-dialógico - combinando o termo hegeliano-marxiano àquele preferido por Morin - da própria tradição marxista.

Prado faz uma crítica interessante à questão do trabalho em Lukács, mediada pelo filósofo Karel Kosik, a qual será também aqui útil para nosso propósito de complexificar a noção de trabalho. Um primeiro ponto levantado é a questão de que a noção de trabalho é utilizada por Lukács para conceituar o humano ou o processo de humanização; enquanto em Marx esta categoria não passa de um contraste necessário para o desenvolvimento da crítica do modo de produção capitalista, que era seu foco: “Assim, faz a crítica do capitalismo a partir do trabalho, mas deixa de perceber que Marx critica também o trabalho no capitalismo, caindo num erro de conseqüências trágicas para o desenvolvimento do esforço reflexivo que orienta a luta concreta pela emancipação humana” (PRADO, 2010).

Lukács, portanto, toma o trabalho do artesão individual como paradigma do trabalho auto-determinado, um pôr teleológico de baixa produtividade que difere enormemente do trabalho social produzido no interior do sistema capitalista. Também difere muito do trabalho em organizações cooperativas pré-modernas ou contemporâneas ou mesmo do paradigma do artista contemporâneo: um trabalho coletivo, não completamente idealizado por um único indivíduo, mas parcialmente determinado pelos múltiplos encontros contingentes com a materialidade sobre a qual incidirá o trabalho, contendo inúmeras etapas com vários trabalhadores que re-produzirão, re-significarão e transcriarão a obra em novos contextos.

Numa tentativa de solucionar essa tensão, Kosik diferencia o trabalho em duas categorias não independentes, mas que mantêm uma relação dialética entre si: (1) trabalho enquanto categoria econômica - concreto, dado na temporalidade de determinações econômicas e mediado pelos modos de produção históricos; (2) trabalho

enquanto categoria filosófica - abstrato, como processo perene de atuação humana no meio e de perpetuação de sua formação como ser ontocriativo.

Sobre a segunda categoria, diz Prado (ibid., np) que o trabalho “é encarado como poder transformador próprio do homem [sic] [...] [e] não se encontra no trabalho nada de econômico. Apreende-se, isto sim, o trabalho como atividade mediadora que é responsável pela ‘criação da realidade humano-social’”. Poderíamos dizer, portanto, que o humano humaniza-se pela criação e recriação, no processo de trabalho em que humaniza a natureza. Cessar esta atividade significaria cessar a própria humanidade enquanto processo permanente de humanização.

Ainda acrescenta o autor sobre essa diferenciação que a segunda categoria “assinala o que é o homem [sic], revela-o como um ser ontocriativo”, enquanto que a primeira “diz respeito ao homem em sua existência atribulada na temporalidade” (ibid., np). Por isso, neste caso, ela só adquire sentido quando associada a um modo de produção concreto. Ambas as categorias mantêm uma relação dialética conforme o trabalho, como ação na esfera da necessidade econômica, é condição do não-trabalho, ou seja, o trabalho determinado pela necessidade é pressuposto histórico do trabalho como ação-livre humana. Ademais, estou de acordo com a conclusão de Prado sobre o futuro dessa dialética: “É, pois, tarefa do socialismo – diga-se de passagem – criar um modo de produção em que o não-trabalho passe a preponderar sobre o trabalho econômico, em que a liberdade do indivíduo tenha mais peso que os imperativos sistêmicos.”(ibid., np)

Tanto dito sobre o trabalho, vale a pena destacar a diferenciação feita por Kosik entre esta categoria e a práxis, sendo a primeira a atividade propriamente produtiva, o socio-metabolismo direto com a natureza; enquanto a segunda inclui a dimensão mental e espiritual, a formação da subjetividade humana. Se o trabalho é o momento produtivo da práxis, esta equivale à própria atividade existencial, articulando também as dimensões simbólica e ética (KOSIK, apud PRADO, 2010) e, por que não, organizativa, cognitiva e afetiva da existência. O curioso das categorias de trabalho (dual) e práxis em Kosik é a facilidade com que podem ser integradas à concepção moriniana, a qual generaliza a dimensão ontocriativa ou poiética da produção para todos os seres da natureza, os chamados seres-máquinas (MORIN, 2013, p.199), caracterizados como seres físicos organizadores ou como organizações ativas que comportam trabalhos, produções e transformações. Aqui, se liga a práxis, fechando um circuito conceitual práxis-trabalho-produção-transformação. Esta práxis é comportamento constitutivo dos sistemas práxicos, aqueles que possuem organização ativa, ou seja, que se organizam por ações orientadas ao fim da própria manutenção do sistema. Os seres-máquinas são sempre seres físicos práxicos e, logo, são seres que, por sua atividade organizacional, produzem sua própria existência e, mediante perturbações e interações com o ambiente ou com outros seres, transformam esta existência ininterruptamente. Tais seres incluem das máquinas humanas, no polo mais existencialmente pobre, às sociedades humanas hipercomplexas, no polo, talvez, mais existencialmente rico, passando por turbilhões, estrelas, organismos vivos, superorganismos etc. Diz Morin (2013): “As ideias-chave de

trabalho, práxis, produção, transformação, atravessam a physis, a biologia e vêm fermentar no coração das nossas sociedades contemporâneas”.

Desta maneira, o autor d’*O método* conecta as categorias de seu circuito conceitual com o próprio movimento do devir histórico da natureza e, simultaneamente, com o movimento de transformação social que fez fermentar estes conceitos, que preparou as condições para sua manifestação. Em aliança ao trabalho de Morin, podemos mobilizar a crítica de Bardin e Raimondi ao trabalho em Marx via Simondon (2016): esta operação não é exclusiva da humanidade e não segue o modelo dualista embasado em uma sociedade de classes onde um grupo planeja, faz “epistemologia” ou fabrica formas que serão, então, executadas por outro grupo, aquele que atua no campo ontológico, que trans-forma materiais segundo as formas previamente idealizadas. Para esses autores, a informação (e acréscimo a organização na concepção moriniana em que ambas funcionam conjuntamente em processos neguentrópicos) é o termo médio necessário para evitar esse dualismo e para reativar a dinâmica material, para generalizar o modelo do trabalho para processos materiais ontogenéticos não-humanos. O humano não faz sua práxis sobre a natureza, mas como parte estendida da própria práxis da natureza. Simultaneamente, a perspectiva revolucionária não pretende opor máquinas e trabalhadores, nem que os últimos sejam exploradores das máquinas ou da natureza, mas, sim, tenciona criar uma sociedade de máquinas e trabalhadores, de humanos e organizações materiais não-humanas e pós-humanas que se conjuguem em uma estrutura social comunitária.

A práxis ou trabalho natural é mesmo uma marca de sistemas organizados capazes de autopropagação. Kauffman, importante biólogo pesquisador da origem da vida a partir de processos inorgânicos, caracteriza o ciclo de restrição-trabalho (*constraint work cycle*) como essencial nesse processo:

"[S]em as condições-limite que servem como restrições para a liberação de energia em processos distantes do equilíbrio, nenhum trabalho é realizado [...] Mas as condições-limite restringem a liberação de energia para alguns graus de liberdade, e apenas assim o trabalho ocorre. Como resultado, o aumento de entropia é menor que caso as restrições não estivessem lá. As restrições, em outras palavras, canalizam a liberação de energia em trabalho [...] essa canalização de trabalho é parte de como a vida 'vence' a segunda lei [da termodinâmica]. [...] células vivas, como veremos, realmente realizam trabalho para construir restrições que canalizem sua própria liberação de energia que constitui mais trabalho [...] Restrições na liberação de energia são necessárias para realizar mais trabalho - e o trabalho feito pode construir ainda mais restrições! [...] E assim a ordem pode se auto-propagar [...] esse trabalho e construção de restrições, que se propagam, podem entrar em *loop* e se fechar sobre si! [...] Essas restrições realizam tarefas de trabalho que constroem as mesmas restrições ou condições-limite. O sistema pode literalmente construir a si mesmo! Esse é o maravilhoso conceito de Fechamento Restricional [*Constraint Closure*] de Montévil e Mossio [tradução livre]. (KAUFFMAN, 2019, pp.20-22)

O circuito práxis-trabalho-produção-transformação, esse conceito em anel de Morin, torna-se um circuito natural-social-conceitual, reproduzindo no plano do pensamento o movimento da natureza que originou o movimento concreto da humanidade até atingir a produção desse mesmo conceito que funda, organizacionalmente, a própria capacidade de compreender sua história, de modo recursivo.

Tal recurso permite ao menos duas grandes inovações na linha histórica que parte da tradição marxiana e vai até Morin: por um lado, atender às demandas sociais postas pelo novo contexto em que se situa a produção moriniana, dado o crescimento da importância da organização e dos sistemas organizados em nível epistemológico e sociológico, inclusive na luta política por emancipação histórica do modo de produção capitalista; e por outro, atender às demandas ecológicas da realidade presente, permitindo uma reintegração dos humanos na natureza, com uma crítica aos processos produtivos capitalistas e com a sugestão de uma nova ética pela aproximação entre humanos, animais e outros seres orgânicos e inorgânicos efetivada pela sua categorização comum. Há, desse modo, o acréscimo de um novo nível de abstração ao conceito comum de ser, que continua permitindo a singularização das especificidades da humanidade dentre os seres vivos e, inclusive, das especificidades de determinadas formações sócio-históricas com seus modos de produção (condições concretas) e mesmo de determinadas individualidades com seus processos de subjetivação prática (condições vividas, experienciais).

Essas inovações convergem com o trabalho de Prado tanto no esforço de pensar as novas relações sociais no capitalismo tardio, como na questão ambiental de promover uma reaproximação entre humanos e não-humanos. Afirma o autor, ratificando ideias de *A Nova Aliança* de Prigogine e Stengers: “Ao invés da relação de dominação entre um sujeito centrado em si mesmo e um mundo concebido como autômato submisso, deve se estabelecer uma relação de troca amigável entre dois tipos de seres naturais complexos, os quais têm características e necessidades próprias: o homem [sic] e a natureza” (PRADO, 2010). Humanidade e natureza são dois seres que se colocam em uma relação dialética-dialógica, ambos se co-constroem em um mútuo processo de incorporação e transformação do outro e de si. A Natureza torna-se *physis* com significado, complexa, histórica, em transformações que se significam na relação entre ela e os seres humanos por ela paridos e que hoje, no Antropoceno, são seus maiores alteradores. E a Humanidade assume também novos matizes: o ser humano é um ente animal-espiritual, natural-razional, maquinal-moral; um ser de instintos e pulsões, cultura e aprendizado; que segue as leis da natureza, mas que pode torcê-las e contorná-las pela ação de seu intelecto e tecnologia; um ser-máquina, maquinal (fabricativo, que copia) e maquinante (criativo, que gera o novo), moral (que segue normas e julga segundo elas) e moralizante (que produz sentido para tudo, mesmo para os acasos, segundo mitos, religiões ou cosmovisões).

Se para Kosik, a dialética é “o método da reprodução espiritual e intelectual da realidade [que sempre parte] da atividade prática objetiva do homem histórico”

(KOSIK, 1969. p.32, apud PRADO, 2010), então uma mudança na realidade, assim como uma mudança na atividade humana, no seu trabalho, deve alterar o próprio método dialético.

Para Bogdanov (1996), a mudança nos modos de produção teria ocasionado a manifestação da categoria organização como termo mais geral que o trabalho produtivo. Assim, o trabalho seria a *organização* do mundo pela humanidade e para esta. Da produção, de que fala Engels, de pessoas, coisas e ideias pelo trabalho, passaríamos a uma organização de forças humanas, de forças naturais externas e de experiências (cognição). A própria luta de classes poderia ser pensada como um conflito entre formas organizacionais, onde a nova, proletária, tentaria desorganizar a velha, burguesa, para instituir um novo regime socio-econômico. Também para Lukács (2003), a organização é de extrema importância, porém como fator de mediação: ela medeia a relação entre teoria e prática na práxis revolucionária, enquanto planejamento da ação; entre o indivíduo singular e a classe universal do proletariado, na forma do *partido comunista organizado*; entre o indivíduo e o coletivo partidário na forma da *disciplina* que organiza e integra interesses individuais e de classe; entre a própria *história* enquanto desenvolvimento das condições objetivas e necessárias e o *projeto comunista* enquanto desenvolvimento da consciência de classe subjetiva, na forma da organização partidária que deve garantir a dialética entre ambos fatores objetivos e subjetivos e impedir que se recaia em um subjetivismo voluntarista ou em um evolucionismo mecanicista. A organização, portanto, medeia a relação entre o sujeito que estuda as condições objetivas da realidade e a ação prática para a transformação desta na direção do “reino da liberdade”.

O *trabalho* deve ser repensado enquanto categoria no contexto da complexidade. Com Morin, é possível, pelo circuito práxis-trabalho-produção-transformação, reintegrar as ideias de organização e produção. As organizações ativas produzem coisas, ideias, realizam trocas e se transformam. Elas estão em movimento e, a partir deste, produzem sua própria existência: realizam sua práxis produtiva-organizativa-cognitiva-afetiva no contexto concreto das sociedades hipercomplexas do capitalismo globalizado; e no contexto vivencial da produção práxica de subjetividades pelos indivíduos dessas sociedades hipermodernas.

O *trabalho* torna-se práxico-poiético, gerando possibilidades de produção de subjetividades engajadas com a emancipação dos oprimidos da terra e com a poiese de novos mundos e novos modos de trabalho. Tal trabalho para o novo milênio deveria integrar ao menos três dimensões que se apresentam hoje como essenciais, ou três vetores práxicos que podem gerar uma resultante interessante no espaço multidimensional: técnico-científica; estético-artística; ético-política. Um modo de trabalho que reúne ciência/arte/política. Tornam-se um único sujeito com uma identidade complexa e dialógica: o cientista e pesquisador técnica e epistemicamente preparado, o artista que produz afetivamente e como forma criativa de expressão de sua



subjetividade, o comunista que coaduna interesses individuais e interesses do gênero humano rumo a uma verdadeira ética emancipatória em termos lukacsianos.

Como já indicava Braverman (1983), não haverá revolução sócio-política-econômica-cultural sem que se revolucione também o próprio processo de trabalho, o que demanda repensar essa categoria no contexto contemporâneo da complexidade - exatamente o que buscamos fazer aqui.

Referências

ANGELL, M. **A verdade sobre os laboratórios farmacêuticos**. Edição: 6. Record; 2007.

BARDIN A; RAIMONDI, F. Del hombre a la materia. Simondon a la luz de Marx y Althusser. **Demarcaciones**. n.4, p.116-132, 2016.

BOGDANOV, A A.; DUDLEY, P (ed). **Bogdanov's Tektology Volume 1**; Publicado inicialmente em russo, 1913-17. Hull; Centre for Systems Studies Press, 1996.

BRAVERMAN, H. **Trabalho e Capital Monopolista: A Degradação do Trabalho no Século XX**. Edição: 3. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1983.

CRUZ, R G; BIGLIARDI, R V; MINASI L F. Antinomias do conceito de autoética de Edgar Morin a partir dos pressupostos teóricos do materialismo dialético. **CONJECTURA: filosofia e educação**, n.19, pp.75-88, 2013.

GOMES, V C; JIMENEZ, S. Pensamento Complexo e concepção de ciência na pós-modernidade: Aproximações críticas às “imposturas” de Edgar Morin. **Revista Eletrônica Arma**, v.1, n.1, pp.59-77. 2009.

KAUFFMAN, S A. **A World Beyond Physics: The Emergence and Evolution of Life**. Ebook version. Oxford: Oxford University Press, 2019.

LAPPE, Frances Moore. **Diet for a Small Planet: The Book That Started a Revolution in the Way Americans Eat**. Anniversary edition. New York: Ballantine Books, 1991.

LUKÁCS, György. **História e Consciência de Classe**. Edição: 1a. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2003.

MORIN, Edgar. **O método 1 - A natureza da natureza**. 3ed. Porto Alegre: Sulina, 2013.

MORIN, Edgar. **O método 2- A vida da vida**. 5ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.



PRADO, Eleutério. **Complexidade: pressuposto ontológico da práxis**. Economia e Complexidade, 2010.

ROBERTS, Paul. **O Fim Dos Alimentos**. Amsterdão :Elsevier; 2008.

VIEIRA, F L R. O método sem história: uma crítica da metodologia moriniana da complexidade. **Revista Cronos**, v.7, n.2, pp.339-351, 2013.